

Medicina e mulheres

Crésio Alves

Esse Resumo, resgata a memória histórica da luta das mulheres, no Brasil e no mundo, pelo direito de exercer a medicina, descreve o progresso crescente da participação feminina nessa profissão e faz uma homenagem a médicas pioneiras na medicina mundial e na Faculdade de Medicina da Bahia.

A luta das mulheres pelo direito de serem médicas – no mundo

A história mostra que as mulheres, assim como os homens, sempre se interessaram pela arte de curar.

As mitologias, relatam deusas protetoras da medicina como, por exemplo, Isis, no Egito.

Na Grécia, Agnodice (século IV AC), provavelmente uma figura mitológica, foi a “primeira” mulher a exercer a medicina após ter estudado em Alexandria, sob a tutela de Herófilo (grande anatomista). Para que pudesse trabalhar como médica ela vestia roupas de homens. Dedicou-se à ginecologia e obstetrícia. As mulheres só aceitavam seu atendimento quando ela dizia ser mulher.

Também existiram parteiras famosas como as hebreias Sifrá e Puá (lembradas, entre outros feitos, por desobedecerem a ordem do faraó do Egito de matar os recém-nascidos hebreus do sexo masculino – Êxodo 1: 15-22) e as romanas Salpe e Laís (lembradas por recomendar friccionar os pés com o sangue da menstruação para curar a malária).

No século XII, na Itália, existe o relato de Trótula de Salerno, ou Trótula de Ruggiero, considerada uma pioneira da ginecologia por ter cuidado da saúde das mulheres e por ter escrito um compêndio sobre concepção, gestação, parto e puerpério e menstruação chamado de “*Trotula*”, o qual é composto por 3 livros: “*Liber de sinthomatibus mulierum*”, “*De ornatum mulierum*” e “*De curius mulierum*” Há, entretanto, historiadores que duvidam de sua existência afirmando que na verdade Trótula era um homem que usava um pseudônimo de mulher para poder escrever livros médicos sem ser punido pela igreja.

Na Idade Média, as mulheres que se envolviam com medicina eram consideradas bruxas e condenadas à morte na fogueira. Algum tempo depois, lhes foi permitido trabalhar como parteiras. Mais tarde, mesmo com o surgimento das universidades, o acesso das mulheres a essas instituições foi negado por muitos anos.

Desse modo, a medicina, assim como a religião, a política e a carreira militar, continuou, por muitos séculos, a ser considerada como uma profissão própria e exclusiva do sexo masculino. As pioneiras na luta pela igualdade entre gêneros e pelo acesso ao ensino superior sofreram muito ao desafiarem o controle masculino sobre o exercício da medicina.

Em 1150, Hildegarda de Bingen (1098-1179), monja beneditina alemã, também conhecida como Sibila do Reno, embora não tivesse estudado medicina, foi a primeira mulher a escrever um livro de medicina intitulado “*Causas das doenças e métodos de trata-las*”. Em 1584, foi canonizada como Santa pela igreja católica.

Em 1311, a Universidade de Paris autorizou que mulheres pudessem se formar em “cirurgiãs”, uma categoria inferior à de médico. Elas tinham que jurar “jamais operar ou operar com ferro e fogo”, além de não lhes ser permitido estudar nos livros médicos que eram exclusivos para os alunos do sexo masculino.

Em 1754, Dorothea Christiane Erxleben (1715-1762), alemã, foi a primeira mulher a receber oficialmente um diploma de médico, aos 39 anos, pela Universidade de Halle. Depois, dela, apenas em 1901, 150 anos mais tarde, outra mulher se graduou em medicina nessa universidade.

Em 1812, James Miranda Stuart Barry (1790-1865, nascida Margareth Buckley), inglesa, se diplomou em medicina pela Universidade de Edimburgo, na Escócia, tendo que se disfarçar de homem para poder estudar. Seu sexo feminino só foi revelado, após sua morte, em 1865.

Em 1849, Elizabeth Blackwell (1821-1910), inglesa, foi a primeira mulher a se diplomar em medicina na América do Norte, no “*Genova Colllege*” atual “*Hobart Colllege*”, em Nova Iorque, após ter sua matrícula recusada por 11 faculdades de medicina. Durante a graduação sofreu preconceito, hostilidade, insulto, chacota e desprezo de seus colegas, inclusive de mulheres de outros cursos.

Em 1850, Elizabeth, sua irmã Emilly e uma médica alemã, Marie Zakrzewska, fundaram, em Nova Iorque, o “*New York Infirmary for Women and Children*”. Nesse mesmo ano, foi criada a primeira faculdade de medicina para mulheres, a “*Female Medical College of Pensylvania*”.

Em 1871, a oposição a prática da medicina por mulheres ainda persistia. Um editorial na revista *“Transactions of the American Medical Association”*, dizia: *“Uma outra doença está se tornando epidêmica: a questão feminina na medicina é apenas uma das formas pelas quais a pestis mulieribus atormenta o mundo”*.

Em 1874, é criada, em Londres, a *“London School of Medicine for Women”*. Em 1876, é criada, em São Petersburgo, na Rússia, a primeira faculdade de medicina para mulheres. Nos anos seguintes, essa abertura se estendeu para vários outros países europeus.

Em 1886, Eloisa Diaz Insunza (1866-1950), chilena, foi diplomada, pela Faculdade de Biologia e Ciências Biológicas da Universidade do Chile se tornando a primeira médica da América do Sul.

Em 1905, o Kaiser Guilherme II, da Alemanha, ao ser entrevistado sobre sua opinião em relação a mulheres estudantes de Medicina, respondeu que elas deveriam cuidar apenas dos *“3 K” (Küche, Kirche e Kinder = Cozinha, Igreja e Filhos)*.

A luta das mulheres pelo direito de serem médicas – no Brasil

No Brasil, até meados dos anos 1800, acreditava-se que homens não se casariam com mulheres intelectuais. As mulheres eram consideradas inferiores física e intelectualmente por terem um cérebro menor. E, sendo mais sensíveis, eram destinadas a cuidar do lar, como mães e esposas.

Raramente, as mulheres conseguiam progredir sua educação além da instrução secundária. Em relação a prática da medicina, então nem pensar. Acreditava-se que a *“natureza feminina”* não era compatível com essa atividade.

O máximo que se permitia as mulheres era atuar como enfermeira, como fizeram por séculos as Irmãs das Santas Casas de Misericórdia, ou como parteiras a exemplo da francesa Madame Durocher, famosa por ter sido a parteira das imperatrizes Leopoldina e Tereza Cristina.

Apenas em 1808, três séculos após o descobrimento, é criada, pelo príncipe Dom João, a Faculdade de Medicina da Bahia, a primeira escola de medicina do Brasil.

Em 1832, Dr. Antônio Ferreira França fez a primeira proposta, sem sucesso, para que mulheres pudessem ingressar no curso de medicina, com o *“Projeto de Habilitação das Mulheres para o Exercício da Medicina”*.

Em 1879, a Reforma Leôncio Carvalho, promulgada em 19 de abril de 1879, durante o governo de Dom Pedro II, autorizou pela primeira vez, a matrícula de mulheres numa das duas faculdades de medicina existentes no Brasil, a da Bahia e a do Rio de Janeiro. Antes disso, as mulheres só podiam estudar medicina no exterior e revalidar os diplomas ao regressar ao país.

Mesmo assim, a resistência ao ingresso de mulheres nas faculdades de medicina persistia. Silvio Romero, um cronista brasileiro, se referindo a Ermelinda Vasconcelos (a segunda mulher a se formar em Medicina no Brasil), escreveu uma crônica onde dizia: *“Esteja certo a doutora que seus pés de machona não pisarão no meu lar”*. O destino não o perdoou. Algum tempo depois, Ermelinda foi chamada para fazer o parto da esposa de Silvio Romero.

Matérias de jornais reforçavam o estereótipo negativo da mulher dizendo: *“Esse ser de cérebro diminuto deve se limitar a ser mãe, fazendo de seus filhos o alfa e o ômega, o fim e o princípio da sua vida”*.

No teatro, a peça *“As doutoras”*, de Joaquim José da França Junior, foi um sucesso de público tendo como tema a depreciação da atuação feminina na medicina.

Mas, apesar de todas essas dificuldades, duas brasileiras venceram o preconceito, a hostilidade e a chacota e se tornaram médicas. Em 1881, a carioca Maria Augusto Generoso Estrela, foi a primeira brasileira a obter um diploma de medicina; e em 1887, a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes, foi a primeira mulher a obter um diploma de medicina no Brasil, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

Primeiras mulheres a se formarem em medicina

O Quadro 1 mostra as primeiras mulheres a se formarem em medicina.

Quadro 1 – *Primeiras mulheres a se formarem em medicina.*

Título	Descrição
Primeira médica a se formar na Europa	Dorothea Christina Erxleben, (alemã) formada em 1754, na Universidade de Halle, na Alemanha.
Primeira médica a se formar na América do Norte	Elizabeth Blackwell (inglesa), formada em 1849, no <i>Genova College</i> , em Nova Iorque.
Primeira médica do Brasil	Maria Augusto Generoso Estrela (carioca), formada em 1881, pelo <i>“New York Medical College and Hospital for Women”</i> .
Primeira médica a se formar na América do Sul	Eloisa Diaz Insunza (chilena), em 1886, pela Faculdade de Biologia e Ciências Biológicas da Universidade do Chile.
Primeira médica a se formar no Brasil	Rita Lobato Velho Lopes (gaúcha), formada em 1887, na Faculdade de Medicina da Bahia
Segunda médica a se formar no Brasil e Primeira médica formada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	Ermelinda Lajes de Vasconcelos (gaúcha), formada em 1888, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Primeiras médicas brasileiras

Maria Augusta Generoso Estrela

Maria Augusta Generoso Estrela (R. Janeiro, 10 de abril de 1860 – R. Janeiro, 18 de abril de 1946).

Filha dos portugueses Albino Augusto Generoso Estrela e Maria Luiza Generoso Estrela, teve sua educação inicial no internato do Colégio Brasileiro.

Aos 12 anos, viajou para Europa com seu pai. Na volta, estudou por seis meses, no colégio Villa Real, em Funchal, na Ilha da Madeira. Ao retornar ao Brasil, decidiu cursar medicina após ler uma reportagem, no jornal “Novo Mundo”, sobre uma mulher americana que tinha se formado como médica. Como o acesso de mulheres ao ensino superior era proibido no Brasil, ela convenceu seus pais a permitirem que ela pudesse ir estudar Medicina nos Estados Unidos.

Sua ida para os Estados Unidos só foi possível por ela ter recebido uma Bolsa de Estudos do Imperador D. Pedro II, depois da falência do Laboratório Farmacêutico Bristol, onde seu pai trabalhava.

Em 1876, ao chegar nos Estados Unidos, ela tinha 16 anos e a idade mínima para ingressar na faculdade era de 18 anos. Então, ela foi entrevistada pelo Colegiado do *New York Medical College and Hospital for Women*, uma faculdade de medicina exclusiva para mulheres, fundado em 1863, por Clemence S. Lozier. Em um trecho de sua argumentação para o Colegiado ela diz: “Cometi, Senhores o delito de ser honesta declarando a minha idade verdadeira. Perdoem-me por isso. Venho de um país longínquo onde o preconceito me fecha as portas da Academia. Confio que provando conhecimentos suficientes seja admitida neste Colégio como estrangeira, em caráter excepcional. Considerem, ainda, Senhores Professores a projeção que esta deferência terá nas relações dos Estados Unidos com o Brasil. Avaliem o belo exemplo que representará a minha matrícula para o sistema escolar de toda República dos Estados Unidos da América”. Impressionado com seus argumentos, o Colegiado autorizou, em caráter excepcional, sua matrícula.

Em 1880, ainda nos Estados Unidos, juntamente com outra estudante de medicina, de Pernambuco, Josefa Agueda Felisbela Mercedes de Oliveira, fundou o jornal “A mulher”, para provar a igualdade de gênero. Em um dos números, publicaram: “*Depois que a ciencia resolveu o problema de que a mulher é apta para os mesmos ramos científicos que o homem, ella entendeu dever aprender a ciencia medica para consolar e curar sua semelhante. A mulher com outra não tem o acanhamento para revelar suas moléstias, suas misérias, suas faltas fisiológicas, que tem diante do homem*”. Elas também argumentavam que muitas mulheres faleciam de males curáveis, devido ao pudor de serem examinadas por médicos homens

Em 1879, aos 19 anos, concluiu o curso. Porém, como não tinha idade para receber o diploma teve de esperar mais dois anos até atingir a maioridade.

Em 1881, obteve sua graduação, sendo a oradora da turma e agraciada com uma medalha de ouro pela tese intitulada “Moléstias da pele”. Com isso, tornou-se a primeira brasileira a se formar em Medicina, sendo uma pioneira, ao vencer preconceitos, quebrar barreiras e ter ido para o exterior estudar medicina.

Em 1882, ao retornar ao Brasil, seu diploma foi revalidado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em audiência com o Imperador, ele lhe solicitou que se dedicasse ao atendimento de “senhoras” e crianças, o que foi atendido por ela.

Maria Augusta praticou a medicina no Rio de Janeiro, atendendo principalmente mulheres e crianças. Casou-se com o farmacêutico alagoano Antônio Costa Moraes, proprietário da Farmácia Normal, e teve cinco filhos: Samuel, Matilde, Barbara, Luciano e Antônio.

Faleceu, no Rio de Janeiro, em 1946, aos 86 anos de idade.

Seu nome é honrado como patronesse da cadeira número 64 da Academia de Medicina de São Paulo.

Rita Lobato Velho Lopes

Rita Lobato Velho Lopes (São Pedro do Rio Grande – RS, 9 de junho de 1866 – Rio Pardo - RS, 6 de janeiro de 1954).

Filha de Francisco Lobato Lopes e Rita Carolina Velho Lopes, comerciantes de charque, nasceu prematura de sete meses. Cursou o ensino primário em Areial, o ensino secundário em Pelotas, para onde seus pais se mudaram quando ela tinha nove anos de idade, e o ensino preparatório em Porto Alegre.

Em 1883, quando tinha 17 anos, sua mãe faleceu devido a hemorragia durante o 14º parto. Um ano depois, em 1884, a família se mudou para o Rio de Janeiro, onde Rita se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Após um ano de faculdade, seu irmão Antônio Lobato, estudante de Farmácia, se indispôs com alguns professores em protesto contra a Reforma Felipe Franco de Sá, que tornava mais rígidos alguns dos regimentos das faculdades. Temendo represálias ao ver seu filho considerado como anarquista e malvisto pelos professores, o pai de Rita, se mudou com a família para Salvador, onde ela se matriculou no segundo ano, na Faculdade de Medicina da Bahia.

Durante o curso médico, seu pai a levava todos os dias para a Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, onde ficava aguardando o término das aulas para leva-la de volta para casa. Muitas foram as hostilidades e preconceitos até que ela conseguisse o respeito dos colegas.

Rita se formou, na 71ª turma da Faculdade de Medicina da Bahia, em 10 de dezembro de 1887, aos 21 anos, após ter completado sua graduação em apenas 4 anos, ao invés dos 6 anos usuais. Sua tese de formatura, de 84 páginas, foi intitulada “Paralelo entre os métodos preconizados para a operação cesariana”. Com isso, ela se tornou a primeira brasileira a ser formada em medicina no Brasil.

Após sua graduação, retornou para o Rio Grande do Sul, onde se casou com seu primo Antônio Maria Amaro Freitas, mudando o nome para Rita Lobato Freitas. Teve apenas uma filha, chamada Isis, que se casou também com um primo, Mario Amato da Silveira, tendo três filhos: Antônio Maria, Auta Teresa e Maria Antonieta.

Após alguns anos clinicando em Porto Alegre, principalmente na obstetrícia, se mudou para Rio Pardo, onde além de trabalhar como médica, também foi vereadora pelo Partido Libertador, em 1935, aos 67 anos de idade.

Nunca esqueceu a Bahia. Em uma carta datada de 1949 e endereçada a Alberto Silva, ela diz: “Até hoje, já nos meus 82 anos de idade, não esqueço a Bahia, os saudosos tempos da minha mocidade, os professores, colegas e todas relações que deixei nessa boa terra”

Faleceu, em Rio Pardo – RS, em 1954, aos 87 anos de idade.

No centenário de seu nascimento a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos emitiu um selo comemorativo homenageando-a como a primeira médica diplomada no Brasil.

Em 5 de outubro de 2010, a Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, deu o nome de “Pavilhão de Aulas Doutora Rita Lobato Velho Lopes”, ao prédio da Faculdade de Medicina da Bahia, localizado no campus do Vale do Canela, em Salvador.

Médicas pioneiras na Faculdade de Medicina da Bahia

O Quadro 2 sumariza as médicas pioneiras na Faculdade de Medicina da Bahia.

Quadro 2 – Médicas pioneiras na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB),

Ano	Título	Nome
1887	Primeira médica diplomada no Brasil	Rita Lobato Velho Lopes (Freitas)
1890	Primeira médica baiana	Ephigênia Veiga
1893	Primeira professora de Medicina	Francisca Barreto Prager (Prager Fróes)
1894	Primeira professora de Pediatria	Glaíra Corina de Araújo
1909	Primeira médica e docente negra	Maria Odília Teixeira
1936	Primeira professora livre docente	Maria José Salgado Lages
1975	Primeira professora titular	Maria Theresa de Medeiros Pacheco
1992	Primeira reitora da UFBA	Eliane Elisa de Souza e Azevedo
1994	Primeira professora titular de Pediatria	Luciana Rodrigues Silva
2002	Primeira professora emérita	Eliane Elisa de Souza e Azevedo
2007	Primeira diretora (interina) da FMB	Déa Mascarenhas Cardoso
2011	Primeira diretora (voto) da FMB	Lorene Louise Silva Pinto

Mulheres na demografia médica brasileira de 2018

A pesquisa “Demografia Médica 2018”, realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Conselho Federal de Medicina e Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, mostrou que, em janeiro de 2018, existiam 452.801 médicos no Brasil.

Essa pesquisa também mostrou que o número de mulheres no total da população de médicos vem crescendo. Atualmente, as mulheres representam a maioria dos alunos nas faculdades de medicina e, desde 2009, são a maioria nas inscrições nos Conselhos Regionais de Medicina.

Em 2018, as mulheres representavam 45,6% do total de médicos no Brasil. Em 1910, esse número era de 21,5%. Em dois estados, as médicas já são maioria: Rio de Janeiro (50,8%) e Alagoas (52,2%). O Piauí, tem a menor representatividade feminina (37,0%). Na Bahia, as mulheres são quase metade do total de médicos (46,3%), embora, em Salvador, elas já sejam a maioria (51,9%).

Esses dados mostram o quanto as mulheres conquistaram nos últimos 131 anos, desde que Rita Lobato se tornou a primeira médica diplomada no Brasil, em 1887.

Mulheres laureadas com o prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia

O prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia foi instituído em 1901. O primeiro laureado foi Emil Adolf von Behring pela descoberta do soro anti-diftérico. Entre 1901 e 2017, 201 pesquisadores foram agraciados com esse prêmio. Até 2017, apenas 12 mulheres tinham recebido o prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia. Seis delas, metade das ganhadoras, receberam o prêmio nos últimos 13 anos, demonstrando a participação e reconhecimento crescente da pesquisa médica feita por mulheres. Em 2016 e 2017, não houve mulheres laureadas com esse prêmio Nobel. Tu Youyou, da China, foi a laureada mais recente, em 2015 (Quadro 3).

Quadro 3 – Mulheres laureadas com o prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia.

Ano	Pesquisadora	Pesquisa
1947	Gerty Cori	Descoberta do mecanismo pelo qual o glicogênio é metabolizado em ácido láctico e depois ressintetizado e armazenado como reserva energética (Ciclo de Cori).
1977	Rosalin Yallow	Desenvolvimento do radioimunoensaio para fazer a dosagem laboratorial de substâncias, principalmente a avaliação hormonal.
1983	Barbara McClintock	Descoberta da transposição genética, os “genes saltadores”.
1986	Rita Levi-Montalcini	Descoberta do NGF (<i>Nerve Growth Factor</i>), fator de crescimento essencial para o desenvolvimento e sobrevivência dos neurônios.
1988	Gertrude B. Elion	Pesquisas que permitiram o desenvolvimento de drogas até hoje usadas em medicina como, por exemplo: azatioprina, alopurinol, 6-mercaptopurina, pirimetamina, trimetropin e aciclovir.
1995	Christiane Nuesslein-Volhard	Estudo dos genes responsáveis pelo desenvolvimento da <i>Drosophila</i> e de outras mutações causadoras de defeitos fisiológicos.
2004	Linda B. Buck	Estudo e clonagem dos receptores do olfato.
2008	Francoise Barré-Sinoussi	Descoberta do vírus HIV, em parceria com Luc Montaigner.
2009	Elizabeth H. Blackburn e Carol W. Greider	Pesquisa sobre a proteção dos cromossomos pelos telômeros e a enzima telomerase de importância fundamental no estudo de células cancerosas.
2014	May-Britt Moser	Descoberta de células que formam o sistema de posicionamento do cérebro.
2015	Tu YouYou	Descoberta da Artemisina e seus derivados, uma nova classe de drogas para o tratamento da malária.

Memória fotográfica de mulheres pioneiras na medicina – no mundo



Hildegarda de Bingen (1098-1179)
(1ª mulher a escrever um livro de medicina)



Dorothea Christiane Erxleben (1715-1762)
(1ª mulher a se diplomar médica)



James Stuart Barry (1790-1865)
(1ª médica inglesa)



Elizabeth Blackwell (1821-1910)
(1ª médica da América do Norte)



Eloisa Diaz Insunza (1866-1950)
(1ª médica da América do Sul)



Maria Augusto G. Estrela ((1860-1948)
(1ª médica brasileira – formada nos EUA)



Gerty Cori (1896-1957)
(1ª ganhadora do Nobel de Medicina)



Tu YouYou (1930)
(Ganhadora do Nobel de Medicina, 2015)

Memória fotográfica de mulheres pioneiras na medicina – na Faculdade de Medicina da Bahia



Rita Lobato Velho Lopes (1866-1954)
(1a médica diplomada no Brasil)



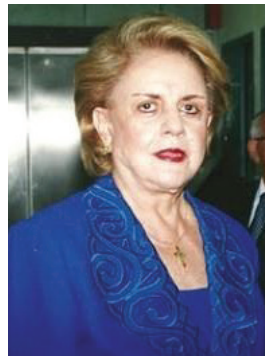
Francisca Pragner Froes (1872-1931)
(1a Profa. da FMB)



Maria Odília Teixeira (1884- ?)
(1a médica e docente negra da FMB)



Maria José Salgado Lages (1907-2003)
(1a. Livre Docente da FMB)



Maria Theresa M. Pacheco (1928-2010)
(1a. Profa. Titular da FMB)



Eliane Elisa S. Azevedo (1936)
(1a. Reitora e Profa. Emérita da UFBA)



Dea Mascarenhas Cardoso (1944)
(1a. Diretora da FMB – interina)



Lorene Louise S. Pinto (1957)
(1a. Diretora da FMB – por votos)



Luciana Rodrigues Silva (1954)
(1a. Profa. Titular de Pediatria da FMB)

Crésio de Aragão Dantas Alves

Médico. Professor Associado de Pediatria da Faculdade de Medicina da Bahia, UFBA

Chefe do Serviço de Endocrinologia Pediátrica do HUPES, UFBA

Docente Permanente e Vice-Coordenador do Programa de Pós-graduação Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas, UFBA